

O CORPO COMO OBJETO DE COERÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE INTERNALIZAÇÃO E EXTERNALIZAÇÃO DE REGRAS PELO DOCENTE

Luizana Rocha Migueis Ferreira da **Silva** – PUC/SP

Agência Financiadora: CNPq

Resumo

O presente artigo resulta de um estudo realizado numa escola municipal do litoral paulista com uma professora de quarto ano, aqui denominada Violeta. A pesquisa buscou entender como o corpo do professor externaliza esquemas práticos de ação relacionados às regras na interação com os alunos em sala de aula. Buscou-se traçar um perfil da professora bastante denso, analisando elementos da trajetória familiar, escolar e profissional da professora. O estudo qualitativo teve sua coleta de dados realizada em 2013 e utilizou como instrumentos de coleta de dados a observação sistemática, questionário e entrevistas. O referencial teórico adotado foi Pierre Bourdieu e seus conceitos de *habitus*, *hexis* e corpo. Os principais resultados obtidos neste estudo apontam para: o corpo como instrumental para o exercício da coerção; a incorporação de disposições para a ação docente já na socialização primária do professor e o reforço das disposições obtidas na socialização primária no decorrer do período escolar e no cotidiano da prática docente.

Palavras-chave: Corpo. *Habitus*. *Hexis*. Professor do Ensino Fundamental.

O CORPO COMO OBJETO DE COERÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE INTERNALIZAÇÃO E EXTERNALIZAÇÃO DE REGRAS PELO DOCENTE

O presente artigo resulta de um estudo de caso realizado numa escola municipal de ensino fundamental do litoral paulista. O estudo contou com questionário, entrevistas e observação das aulas de uma professora que aqui recebe o nome fictício de Violeta. À época da coleta de dados Violeta atuava com uma turma de quarto ano do ensino fundamental. O objeto de estudo privilegiado é o corpo do professor, fundamentalmente analisado pela via da sociologia, tendo como principal referencial a teoria de Pierre

Bourdieu.

Perseguiu-se nesta pesquisa um estudo relacional da escola, que a considerasse como elemento importante numa teia de relações sociais. A problemática envolveu a necessidade de entender como o corpo do professor externaliza esquemas práticos de ação relacionados às regras na interação com os alunos em sala de aula. Para isso buscou-se traçar um perfil da professora bastante denso, trazendo para a pesquisa elementos da trajetória familiar, escolar e profissional da professora Violeta.

Os dados aqui apresentados e discutidos são oriundos de questionário (para traçar um perfil socioeconômico), de entrevistas intensivas (organizadas em três blocos de questões: o contexto familiar, o contexto escolar, o contexto profissional) e de observações realizadas das aulas ministradas pela professora. O objetivo desse procedimento metodológico foi o de cercar todas as possíveis relações tanto do próprio contexto escolar no qual a professora trabalhava quanto o de outras instâncias presentes na trajetória de vida da professora com a presença corporal de Violeta em sala de aula.

3.1. Sobre o perfil socioeconômico de Violeta

A professora Violeta nasceu no litoral paulista e lecionava à época da pesquisa numa escola municipal do litoral paulista. Primogênita de uma família com três filhos, é casada e mora com esposo e dois filhos que já não estão mais em idade escolar. É a principal provedora da família que possui uma renda média mensal de três salários mínimos. Reside em apartamento próprio em área urbanizada. Na infância, morou com os tios dos 2 aos 14 anos, e nesse núcleo familiar era a mais novinha pois seus primos eram todos adolescentes. Teve uma infância marcada por brincadeiras variadas, com espaço amplo para executá-las, uma vez que morava em casa e não em apartamento. Teve acesso frequente a livros, jogos de lógica e estratégia, revistas e jornais, pois sua família costumava comprar esses itens. Sua família frequentava clubes e igrejas assiduamente. O pai de Violeta foi filho único, sua mãe é a quinta filha da família e seu esposo o terceiro filho.

Para as análises feitas ao longo dessa pesquisa, vale destacar essa peculiaridade da vida familiar de Violeta: o fato de ter vivido com os tios dos 2 aos 14 anos de idade. Sendo assim, apesar de ser primogênita, Violeta cresceu como sendo a caçula entre seus primos. Durante toda a sua infância cresceu em meio a adolescentes e adultos. Essas informações foram surgindo aos poucos nas entrevistas e tiveram que ser bastante exploradas para possibilitar o entendimento da história familiar da professora. Foi

extremamente importante explorar essas informações nas entrevistas, pois apesar de várias perguntas do questionário cercarem esse universo da infância, essa peculiaridade somente surgiu na ocasião das entrevistas.

Com relação à sua vida escolar, Violeta cursou tanto o ensino fundamental quanto o médio em escolas públicas, sendo o ensino fundamental cursado no período matutino e o ensino médio no período noturno porque Violeta quis trabalhar ainda adolescente. Ambos os níveis de ensino foram cursados no sistema regular de ensino. Nunca foi reprovada na época escolar e seus pais eram bastante exigentes com relação aos estudos assim como os tios também. É formada em Pedagogia, com especialização em supervisão escolar e cursou o magistério em nível médio. Ser professora não era sua primeira opção, na verdade Violeta queria ser veterinária, mas como à época não havia curso de Medicina Veterinária em Santos e seu pai não autorizava sua saída de casa para estudar, escolheu cursar Pedagogia. Esse fato apresentou-se marcado em vários momentos das entrevistas, a frustração de Violeta em não ter sido veterinária ficou extremamente evidente. Isso apareceu muitas vezes até mesmo como justificativa para sua decepção na docência, pois Violeta elaborou sua trajetória na profissão como alguém que não pertence ao campo, ou pelo menos alguém que não gostaria de pertencer ao campo educacional.

As atividades culturais mais presentes na vida da professora são visita a exposições, clubes e igrejas e a assistência a filmes em cinemas ou DVDs. Violeta costuma ler jornal e revistas, frequenta bibliotecas, gosta de fotografar e pintar, desenhar ou esculpir. Das atividades culturais listadas na questão, Violeta declarou ir uma vez por semana à igreja, a exposições e também diz assistir a DVDs uma vez por semana. Violeta declarou ainda que vai uma vez por mês ao cinema e frequenta clubes.

Com relação às brincadeiras de infância, Violeta relatou brincar sempre de escolinha, casinha, amarelinha, pega-pega e outras brincadeiras de correr e bicicleta, patins e *skate*. Pelo caráter simbólico que possui a brincadeira, durante as entrevistas Violeta foi questionada sobre brincar de escolinha. Ansiosamente, a professora respondeu que brincava direto de escolinha com os primos. Afirmou, ainda, categoricamente, sempre executar o papel de aluna e nunca o de professora porque gostava de ser a mais inteligente. O que se depreende disso é que mesmo ao lembrar de suas antigas brincadeiras de infância, Violeta recusa o papel de professora, a docência para ela nunca se apresentou como atrativo ou prazeroso.

A professora Violeta é uma mulher de meia idade – a julgar por sua aparência

física e pelo tempo de magistério (34 anos de exercício docente) – com aproximadamente 1,60m, apresenta algum sobrepeso e mantém os cabelos (cacheados) bem curtos e sem tintura. Está sempre bem cuidada, porém sem vaidade ou artefatos de adorno (maquiagem, joias, acessórios). Não utiliza perfumes marcantes. Tem gestos lentos e tranquilos que muitas vezes parecem exercer uma oposição ao seu discurso, mas que se forem bem analisados representam o quanto a professora contém suas emoções. Fala sem mover muito os lábios ou exagerar nas expressões faciais. Sua voz é anasalada e muitas vezes não se ouve claramente o que diz. Não gosta de ser tocada – segundo declarações suas em entrevista – e os alunos sempre se aproximam dela sem a tocar.

No período de observação Violeta estava atuando em uma turma de quarto ano no período matutino, contando com 35 alunos matriculados. Na maior parte das vezes Violeta dividia o tempo das aulas entre sua mesa de trabalho e a lousa e pouquíssimas vezes circulou entre os alunos pela classe. Para um observador atento, ficava nítida uma linha dividindo dois territórios: o da professora e o dos alunos. Permitia a aproximação física dos alunos, algumas vezes a fomentava solicitando a presença dos alunos em sua mesa com os cadernos para correção das atividades. Seu meio de expressão mais marcante para com os alunos foi o olhar, muitas vezes duro e de desaprovação. Seus gestos mostraram-se resumidos e suas aulas (as que foram observadas) não contemplavam explicação pública da lição.

Em todos os dias de observação e de entrevista Violeta demonstrou cansaço, desânimo, irritabilidade e tristeza. É quase desnecessário dizer que a convivência em sala de aula com os alunos refletia esse comportamento.

3.2. As regras no contexto familiar

Em todos os blocos de entrevista essa questão da regra internalizada pelo corpo, da necessidade de impor ao corpo limites bem definidos e com fronteiras bem delimitadas ficou evidente. O período da infância, e portanto locus de socialização primária, foi o mais marcado por tais características. Uma das qualidades mais marcantes da convivência na casa dos tios foi traduzida brilhantemente pela professora quando a questioneei a respeito da existência de um grupo de amigos de infância. Violeta respondeu muito enfática:

“Não. A casa da minha tia era um convento”.

Seria possível desconfiar, talvez, que a ausência de um grupo de amigos fosse

decorrente do fato do isolamento geográfico mesmo da casa dos tios, mas essa hipótese foi anulada porque Violeta afirmou que a casa não era isolada e que definiu como um convento o local de moradia porque o regime autoritário da tia assim o caracterizava. Vários outros fatores reforçaram esse clima restritivo como a presença da avó materna, moradora também da mesma casa, que andava diariamente com uma ripa de madeira na mão para castigar os netos.

“Ela andava com uma ripinha e batia em todos eles, [...] apanha todo mundo. Eu nunca esqueço, dizia ah vamos pra casa da vó A., quando chegava lá tava ela sentadinha na cadeirinha e cá [sic] ripinha.” (Violeta, 2013)

Convém destacar que Violeta era a mais nova dentre os primos e havia grande diferença de idade entre eles, uma vez que os primos já eram adolescentes ou adultos. Seu espaço na casa era dividido com uma prima, o quarto era das duas e Violeta reclamou da falta de privacidade:

“Ah, eu não podia fazer nada eu só podia dormir porque o quarto era dela, não podia mexer em nada. [...] ela era moça né, trabalhava e tudo.” (Violeta, 2013)

Ao pensar na elaboração do espaço social de Violeta foi possível notar dois pontos muito fortes e importantes de serem considerados para entender como sua *hexis* corporal foi se constituindo. Aos 2 anos foi morar com os tios, e aos 14 voltou a morar com os pais. Quando foi morar com os tios passou a ocupar o mesmo quarto de uma das primas, já moça, como foi relatado acima e quando voltou a morar com os pais teve a impressão de que sua mãe somente a quis de volta porque precisava de ajuda nas tarefas domésticas. Violeta (2013) revelou isso com a voz embargada:

“Eu fui criada pela minha tia e não pela minha mãe, aí quando eu fiz 14 anos é que minha mãe foi me buscar, mas mais por interesse de ajudar ela [sic] a fazer as coisas em casa e tudo. Mas nem por isso eu fiquei com raiva ela. Eu fiquei sentida, mas não com raiva entendeu?”

Pode-se inferir que Violeta acabou sendo duas vezes uma “invasora de espaços”: primeiro invadiu o espaço dos primos e principalmente da prima com quem dividia o quarto, depois voltou a invadir um espaço que deveria ser o seu naturalmente, mas por circunstâncias além de sua vontade, não foi. Sommer (1973) trabalha detalhadamente essa questão do espaço pessoal no seu livro de mesmo nome. Apresenta vários estudos a respeito do comportamento espacial dos humanos e de como os ambientes são ao mesmo tempo criados por quem os ocupa e também interferem no comportamento de quem os ocupa. A título de esclarecimento, e para que fique bem entendida essa questão

do espaço social segue uma definição de Sommer (1973, p. 33):

A melhor maneira para conhecer as fronteiras invisíveis é continuar andando, até que alguém reclame. O espaço pessoal refere-se a uma área com limites invisíveis que cercam o corpo da pessoa, e na qual os estranhos não podem entrar. [...] O espaço pessoal não tem necessariamente forma esférica, nem se estende igualmente por todas as direções.

Ficou evidente a existência dessas fronteiras invisíveis no espaço do quarto da prima de Violeta. Ela podia dormir no quarto, mas sua ocupação do espaço era limitada a isso. Não havia o que poderia ser chamado de seu território, ela ocupava um espaço de outra pessoa. As regras ditadas na casa dos tios envolviam horas marcadas para as refeições, inclusive com o café da tarde, invariavelmente às 15 horas, sendo compartilhado por todos os familiares tios, primos, ficando excluídos apenas os que trabalhavam, estes iam apenas aos finais de semana. Havia uma rotina rígida de horários para estudo, tudo cumprido à risca.

Mesmo quando passou a morar com seus pais, a rotina era a mesma. Segundo a professora um irmão copiava o outro na educação dos filhos, era um padrão da família. Dessa forma, Violeta confessou também ter repetido esse padrão de educação de seus filhos. A professora demonstrou ter tomado gosto pela obediência a regras, cumprir com normas preestabelecidas transformou-se no decorrer de sua socialização em algo prazeroso e simbólico de sabedoria e lucidez.

O mesmo regime regrado servia para quando a família recebia visitas em casa. Nesse caso, o corpo ficava evidentemente tolhido de interação social com as visitas. A respeito da convivência com as visitas em casa, Violeta relatou algo bastante ilustrativo desse regime de regras. Quando iam receber visitas, o aviso já era dado de antemão para as crianças:

“Olha: vai vir visita aqui, vocês fiquem tudo no quarto ou fiquem lá na, na... área de serviço, não me entrem aqui sem eu chamar.” (Violeta, 2013)

As rotinas de alimentação das crianças também envolviam a coerção corporal na família de Violeta. Crianças não tinham direito à escolha dos alimentos, eram forçadas a comer tudo o que fosse colocado no prato. Aquele que recusasse apanhava, *“levava duas cintadas”* segundo a professora. As refeições eram iniciadas apenas com todos sentados à mesa e nunca antes do chefe da família chegar, o tio ou, posteriormente, o pai; esse foi um hábito mantido sempre na família, conforme Violeta afirmou bastante enfática.

O caráter educativo desses costumes de família é tão maior quanto é a sua

naturalização, seu poder de alcance por gerações é tão mais forte quanto mais legítimos são considerados os atos praticados. No presente estudo, Violeta classificou como normal (adjetivo usado pela professora) seu próprio comportamento na infância e adolescência, pois afirmou ter gostado das regras impostas pela família e disse – sempre se orgulhando disso – ter sempre seguido as regras aprendidas, atribuindo a isso o fato de nunca “*ter dado cabeçada na vida*”. Mais ainda, disse ter seguido o mesmo padrão educativo com os filhos e agora com os netos e que apesar dos filhos a chamarem de chata, o que para ela é motivo de honra e status, também reproduzem o padrão educativo com seus filhos seguindo as mesmas regras. Ser considerada chata pelos seus filhos e netos e pelos seus alunos era como um troféu para Violeta, a legitimação dos seus atos e do seu comportamento.

Na vida prática, sem que haja uma reflexão consciente disso, as disposições incorporadas encontram situações reais nas quais serão aplicadas e os resultados lidos pelo agente como positivos dessa aplicação reforçam ainda mais o poder dessas disposições. Assim, ser chamada de chata pelos seus filhos e netos, soava para Violeta como a confirmação de que estaria agindo da forma correta, porque seus tios e pais também eram considerados chatos e, no entanto, a educação proveniente do núcleo familiar resultou em sucesso de vida para Violeta (em sua visão, é claro). É possível verificar nessas passagens as considerações teóricas apontadas sinteticamente por Bonnewitz a partir de Bourdieu e Wacquant:

O habitus não é o destino que às vezes acreditou-se ser. Como produto da história, é um sistema de disposição aberto, que está incessantemente diante de experiências novas e, logo, incessantemente afetado por elas. É duradouro, mas não imutável. Dito isso, devo acrescentar imediatamente que a maioria das pessoas está estatisticamente destinada a encontrar circunstâncias afinadas com aquelas que modelaram originalmente o seu habitus e, por conseguinte, a ter experiências que virão reforçar as suas disposições. (Bourdieu & Wacquant, apud BONNEWITZ, 2003, p. 90, grifos do autor)

A força dessas regras, transformadas em valores preservados, a eficácia dessa coerção pelo corpo, a invisibilidade dos propósitos sociais dessa coerção, tudo isso recebeu um reforço especial no período de vida escolar de Violeta. Família e escola coadunam interesse, objetivos e métodos educativos nesse caso e o resultado sintético disso foi o tanto o reforço do *habitus* ressaltando-se o *ethos* familiar quanto a *hexis* corporal, como pode ser identificado nos itens a seguir.

3.3. As regras no período escolar

O período escolar vivido por Violeta, enquanto aluna, foi ressaltado por ela mesma como um período de ouro, uma época boa, em que a educação escolar era profícua porque havia colaboração da família e as crianças eram mais “educadas”. Inclusive, uma das diferenças notáveis da educação escolar daquela época, apontada por Violeta, é que a professora tinha maior domínio dos alunos, um domínio corporal dado a entender pela manifestação de Violeta.

Os castigos corporais praticados na escola foram lembrados pela professora ora com nostalgia e ora com tristeza como quando se lembra de sua professora de terceiro e quarto anos classificada como carrasca:

“Terceiro e quarto ano que foi a Dona M. H. que era uma carrasca, batia nos alunos de régua. Sabe a régua de costura? [eleva o tom de voz]. Se virasse pra trás, abrisse a boca, ela o que tinha na frente ela batia, jogava.” (Violeta, 2013)

Dessa forma, Violeta foi aos poucos reforçando uma disposição incorporada já na socialização primária, quando a avó usava a ripinha de madeira como ameaça de punição. E é justamente isso que Bourdieu afirma, conforme citação abaixo:

Aprendemos pelo corpo. A ordem social se inscreve nos corpos por meio dessa confrontação permanente, mais ou menos dramática, mas que sempre confere um lugar importante à afetividade e, mais ainda, às transações afetivas com o ambiente social. É claro, sobretudo após os trabalhos de Michel Foucault, poder-se-á pensar na normalização exercida pela disciplina das instituições. Contudo, é preciso deixar de subestimar a pressão ou a opressão, contínuas e por vezes despercebidas, da ordem ordinária das coisas, os condicionamentos impostos pelas condições materiais de existência, pelas surdas injunções, e a “violência inerte” (como diz Sartre) das estruturas econômicas e sociais e dos mecanismos por meio dos quais elas se reproduzem. (BOURDIEU, 2001, p. 172)

Esse controle da disciplina dos alunos por meio do corpo apareceu como uma disposição para a ação incorporada e manifesta pela professora em seus discursos e de forma velada em sua prática. A possibilidade do castigo corporal na escola ou simplesmente a ameaça dele sobre os alunos seriam responsáveis pelo clima de ordem, disciplina e vontade de estudar, segundo apontou Violeta.

Há contradições nas manifestações da professora porque apesar de ressaltar essa facilidade de obter disciplina por meio das sanções ao corpo realizadas pela escola dos anos 1960 e 1970, ela classificou como lembranças mais marcantes da escola o carinho e a atenção recebidos de alguns professores:

“Carinho né, que elas dão pra gente, atenção, quando a gente não sabia as coisas ia na mesa dela 500 vezes ela explicava da forma dela [...] ela nunca deixou um

aluno de castigo, ela nunca deu castigo, nada [...] era sempre todo mundo junto.”
(Violeta, 2013)

É interessante observar que a contradição é apenas para o ouvinte porque para Violeta isso não soa como contraditório, ela mesma se classificou como “*bruxa*” e “*mãezona*”, sem mal estar nessas classificações, ao contrário, com virtuosismo, como se isso fosse a característica por excelência do bom professor. Violeta associou o tempo todo o trabalho docente com essa educação moralizante, e dessa associação surge sua autotransclassificação como bruxa e mãezona ao mesmo tempo. É importante lembrar como Bourdieu apresenta a questão do senso prático, o qual ajuda a entender passagens como essas apontadas pela professora:

O senso prático, necessidade social tornada natureza, convertida em esquemas motores e em automatismos corporais, é o que faz com que as práticas, em e por aquilo que nelas permanece obscuro aos olhos de seus produtores e por onde se revelam os princípios transobjetivos de sua produção, são sensatos, ou seja, habitados pelo senso comum. É porque os agentes jamais sabem completamente o que eles fazem que o que fazem tem mais sentidos do que imaginam. (BOURDIEU, 2009, p. 113)

Esse senso prático que a orienta apareceu em diferentes circunstâncias. O controle da disciplina e o respeito obtido pelo professor na época em que Violeta era aluna foram a todo momento lembrados e numa das passagens relatadas nas entrevistas a professora chegou a representar, com o corpo, como os alunos reagiam a tais coerções: como em posição de sentido, rígidos e com a boca bem fechada.

A imobilidade do corpo como sinônimo do respeito e da boa educação é ponto marcante nas manifestações verbais e nas ações de Violeta em sala de aula. O movimento, tão natural para crianças de 10 anos como os alunos de Violeta, era visto pela professora como algo desconexo da atividade de aprendizagem, como algo destinado apenas ao lazer ou às aulas de educação física. A força dessa disposição é tão maior quanto é o seu caráter inconsciente.

A professora não conseguiu explicar racionalmente como percebia a autoridade dos seus professores, isso evidencia o caráter inconsciente da incorporação do *habitus*, sua força para criar (nos agentes) disposições para a ação com grande potencial de perpetuação, uma vez que não se tem consciência dessas disposições incorporadas. A economia advinda desse processo é enorme, porque seria impossível para o professor pensar em cada gesto, em cada palavra, em cada ação antes de executá-los. Isso tornaria a prática impossível. Entretanto, a naturalização de práticas docentes decorrentes desse processo tem suas consequências. Uma delas pode ser a perpetuação de práticas além no

tempo e no espaço do que elas seriam funcionais, pois como enuncia Bourdieu:

Poder-se-ia, deformando a palavra de Proust, dizer que as pernas, os braços estão plenos de imperativos adormecidos. E é infundável a enumeração dos valores feitos corpos, pela transubstanciação operada pela persuasão clandestina de uma pedagogia implícita, capaz de inculcar toda uma cosmologia, uma ética, uma metafísica, uma política, por meio das injunções tão insignificantes quanto “fique reto” ou “não segure a faca com a mão esquerda” e de inscrever nos detalhes aparentemente mais insignificantes do *jeito*, da *postura* e das *maneiras* corporais e verbais os princípios fundamentais do arbitrário cultural, assim colocados fora da tomada de consciência e da explicação. (BOURDIEU, 2009, p. 114, grifos do autor)

O processo escolar vivido por Violeta deixou nela tais resultados, ou seja, como traços mais marcantes ficaram as regras incorporadas. Era uma escola com limites, espaços e tempos muito bem definidos pelo professor, com papéis claros e bastante distintos entre quem ditava as regras e quem obedecia essas regras.

Fechando o bloco de entrevistas sobre o período escolar, foi perguntado para a professora o que é ser aluno. Houve dificuldade de entender a pergunta e muito silêncio antes de dar a resposta, mas o perfil de aluno traçado por Violeta corresponde àquele aluno da sua época de escola, um aluno obediente, educado, inteligente.

É possível identificar essa expectativa nas ações da professora Violeta em sala de aula. É esse aluno que ela espera e que tenta a todo custo ter em sua sala de aula. Cabe perguntar, como forma de reflexão, onde fica o corpo desse aluno almejado por Violeta? Não há espaço nem tempo para esse corpo, a valorização da inteligência esquece o corpo. O corpo serve apenas para impor limites às manifestações individuais, é um corpo objeto de controle, de coerção, um corpo instrumento para alcançar os objetivos de controle social. É o corpo como rascunho estudado por Bourdieu:

Justamente porque o corpo está (em graus diversos) exposto, posto em xeque, em perigo no mundo, confrontando o risco da emoção, da ferida, do sofrimento, por vezes da morte, portanto obrigado a levar o mundo a sério (e nada é mais sério do que a emoção, que atinge o âmago dos dispositivos orgânicos), ele está apto a adquirir disposições que constituem elas mesmas abertura ao mundo, isto é, às próprias estruturas do mundo social de que constituem a forma incorporada. (BOURDIEU, 2001, p. 171)

E assim, como forma de adestramento quase, os alunos aprendem – porque sua professora também aprendeu – que o lugar do corpo não é na escola, que o sagrado da escola é o intelecto e o corpo só atrapalha. O corpo, esse veículo das pulsões, das vontades, dos desejos que atrapalham e precisam ser contidos, ou pela coação física mesmo ou pela regra incorporada e capaz de orientar ações e decisões. E essa pessoa

cindida vai sendo formada, como se fosse possível uma existência extracorpórea em sociedade. Faz-se necessário destacar que não há nada mais corporal – socialmente falando – do que essa existência extracorpórea. Esse é o ápice da coerção corporal, quanto mais extracorpórea se torna a existência, maior o êxito das sanções sociais, do controle sobre as mentes e os corpos. “No entanto, se a gente não quiser admitir o que diz o corpo, pode então, a vida toda, tentar reduzi-lo ao silêncio, sem receber-lhe as mensagens.” (BERTHERAT, 2010, p. 131)

3.4. As regras no contexto profissional

Neste bloco de informações a questão da coerção pelo corpo, das regras sendo incorporadas teve menos destaque do que nos blocos anteriores. Ganhou relevo, aqui, a insatisfação de Violeta com a profissão, sua frustração por não ter sido veterinária e a oposição que fez entre o passado da profissão e o presente, sempre classificando o passado como bom e eficaz e o presente como péssimo e com uma perspectiva muito desanimadora.

Algo interessante ganhou relevo quando a professora manifestou-se mais a respeito da sua atuação: apesar de ressaltar a importância das regras em sua vida, de expressar o desejo de receber alunos educados e obedientes, que seguissem as regras, ela tentou passar uma imagem de rebeldia, uma imagem de alguém que está acima das regras, de alguém que tem autonomia para não obedecer às regras quando essas não lhe convêm.

Essa auto avaliação da professora foi de grande valia para se entender sua posição no contexto escolar. Violeta era alguém que possuía legitimidade no grupo em que atuava, já ocupou por 15 anos cargos de coordenação e agora estava novamente em sala de aula, isso a tornou diferenciada no grupo. No primeiro dia de observação, a professora estava organizando os alunos para entrarem em sala de aula após o recreio. Todos estavam em fila e entraram um a um na classe, passando de cabeça baixa pelo olhar superior da professora, um olhar intimidador, inclusive dispensado à pesquisadora. Ao mesmo tempo, no fluir da aula, percebeu-se que os alunos movimentavam-se livremente, mas as carteiras estavam sempre organizadas em fileiras e as atividades se restringiam à cópia de lição da lousa, resolução de exercícios no caderno e correção de cadernos na mesa da professora. Por vezes a professora chamava à atenção dos que estavam conversando, brigava com os que não queriam fazer as atividades.

Esse status de superioridade era demarcado entre Violeta e os seus alunos por

meio do olhar intimidador da professora, acompanhado de uma postura corporal que reunia os braços cruzados na altura do peito, queixo levantado, pescoço e coluna muito rígidos, cabeça tensionada para trás, lábios comprimidos e traçando um fina linha arqueada para baixo. E novamente se identificou tal superioridade da professora ao ser questionada sobre gostar ou não da escola em que trabalha, Violeta afirmou já ter gostado mais e que agora a escola está deixando muito a desejar porque os alunos não respeitam mais as inspetoras, justamente pela falta de um controle superior, porque não presenciam a figura da diretora na escola. Essa foi a avaliação feita por Violeta; disse que a escola virou uma “*baderna*”. Percebe-se que a valoração da professora sobre a sua escola passa pela questão da presença e do controle do corpo e da incorporação de regras. É interessante notar essa questão do gostar ou não gostar da escola passando pela questão do corpo, mesmo que Violeta desloque a questão para o corpo do aluno. É o corpo de Violeta que sente falta do espaço e do tempo em que foi educado. O mal estar pode ser atribuído a esse deslocamento. São corpos que não se encaixam nas regras, disposições que entram em embate de certa forma com um contexto no qual já não são tão eficientes.

É Sommer que novamente ajuda a entender tais situações:

Um aluno aprende seu lugar na sociedade e o que os outros esperam dele a partir da maneira de os professores e administradores dirigirem o sistema social da escola. Adquire atitudes que depreciam seu auto-respeito e criam a auto-imagem de uma figura lamentável, colocada numa carteira padronizada, cuja presença física é exigida pelo regulamento. (SOMMER, 1973, p. 123)

Cabe questionar como essa autoimagem dos alunos vai sendo formada em casos como o do exemplo anteriormente citado. E mesmo os alunos de Violeta, o tempo todo estavam sendo formados não apenas pelas palavras ou pelos conteúdos didáticos trabalhados nas aulas, mas também por todo o conjunto de linguagem corporal dispensado pela professora a eles. A questão da aproximação e do distanciamento dos corpos apareceu muito relacionada à incorporação de regras na escola. Apesar de, no discurso, Violeta afirmar o desejo de que os alunos se aproximem dela sem medo, sua prática não confirmou esse desejo.

Em suas ações a professora expressou a imagem de “*bruxa*” e, se for feito um paralelo com as bruxas dos contos de fadas, são elas que castigam e por meio das ameaças de maldade que trazem consigo passam a mensagem de necessidade de controlar os desejos, as pulsões, de controlar o corpo e incutir nesses corpos dóceis e frágeis das crianças a necessidade de se defender da maldade do mundo. É com esse

papel que a professora Violeta se identificava. Em sala de aula, permitia a aproximação física dos alunos, mas havia alguma tensão no controle do seu espaço pessoal. Os alunos não a tocavam, pareciam já ter incorporado quais são as regras de convívio ditadas pela professora. Quando se aproximavam da sua mesa de trabalho era para levarem seus cadernos e serem avaliados. O toque físico somente ocorria entre professora e alunos quando o objetivo era a coerção, como no caso em que a professora mandou uma aluna sentar-se no fundo da sala, isolada dos outros alunos porque estava conversando enquanto a professora corrigia atividades feitas pelos alunos na lousa. Como a aluna não obedeceu à ordem, depois de um tempo a professora a segurou bruscamente pelo braço e a conduziu para o fundo da classe. A menina chorou e ganhou mais uma admoestação por estar chorando. Como se quisesse justificar sua ação, Violeta afirmou que a avó dessa aluna todos os dias perguntava como estava o desempenho da neta nas aulas e a professora mentia dizendo que ela tinha bom desempenho quando na verdade só queria saber de brincar. Violeta alegou que a aluna tinha falta de interesse e que sabia fazer as lições.

Nesse momento, a professora agia como a sua própria avó, que já andava com uma ripinha de madeira na mão para castigar os netos que a desobedecessem. A força desse aprendizado corporal internalizado pela professora se manifestava mesmo em circunstâncias pouco prováveis como foi esta da pesquisadora estar em sua sala de aula. É uma disposição para a ação muito forte, que antecede qualquer processo reflexivo, e ao encontrar uma situação semelhante à situação na qual foi incorporada vem à tona com toda a sua força.

Nesse contexto profissional, a interação da professora com os alunos ainda passa por situações envolvendo os corpos pelas expressões faciais ou manifestações verbais de adultos aos seus comportamentos, ações. Bourdieu se refere a essas questões de socialização:

O trabalho de socialização das pulsões apoia-se numa transação permanente na qual a criança admite renúncias e sacrifícios em troca de provas de reconhecimento, de consideração ou de admiração (“como é ajuizado!”), por vezes explicitamente solicitados (“Papai, olha pra mim!”). Essa troca é altamente carregada de afetividade, na medida em que mobiliza por inteiro a pessoa de ambos os parceiros, sobretudo a criança, é claro, mas também os pais. (BOURDIEU, 2001, p. 202)

O processo de correção dos cadernos expressa um pouco dessa necessidade de provas de reconhecimento que as crianças possuem diante dos adultos. Suas fisionomias expressam a ansiedade por um elogio, mas o que recebem da professora Violeta é, na

quase totalidade das vezes, uma reprimenda, um olhar de desdém, uma palavra mais áspera.

Todo o corpo da professora Violeta colabora para a coerção dos corpos dos alunos. Suas expressões faciais foram sempre intensas e repressivas. Seus lábios estavam sempre muito contraídos, muitas vezes se transformando numa fina linha demarcando a boca. No primeiro dia de observação do seu trabalho, a sua postura corporal e suas expressões faciais já demarcaram bem, para quem estava chegando (no caso, a pesquisadora), quem era a professora Violeta, quem mandava naquele espaço, quais eram as regras do bom convívio social naqueles limites de sua sala de aula. Apenas um aluno ousou enfrentá-la e olhou em seus olhos com um sorriso debochado, mais do que isso ainda estufou o peito para a frente e se aproximou bastante da professora, ultrapassando sem dúvida a zona de conforto do seu espaço pessoal. Esse ganhou, em troca, um olhar mais severo ainda e muitas admoestações em sala de aula na frente da pesquisadora, inclusive com a professora dando detalhes da vida pessoal dele para a pesquisadora em voz alta na frente de todos os outros alunos.

E foi por entender tão bem o que significava todo o conjunto corporal da professora Violeta nesse dia, que o aluno a enfrentou assumindo uma postura corporal semelhante. Presenciar essa cena foi como presenciar uma disputa por território, cada qual dos agentes querendo mostrar para quem estava chegando (a pesquisadora) quem mandava no espaço, quem ditava as regras daquele grupo.

Considerações finais

O primeiro ponto a ser destacado nessas considerações finais é a fecundidade do estudo sociológico sobre o corpo do professor. Algo que passa despercebido aos olhos mais desatentos ainda acostumados com a naturalização da escola. Romper essa naturalidade foi o primeiro e quiçá o mais importante passo para o desenvolvimento desta pesquisa.

A busca por reconstruir disposições veiculadas de *ethos* e incorporadas pela professora no decorrer da sua trajetória de vida (familiar, escolar, profissional, sociocultural) foi fundamental para o estudo da escola por uma perspectiva relacional. As entrevistas intensivas provocaram a rememoração de fatos dessa trajetória de vida da docente e foram altamente significativas, fornecendo um conjunto maciço de dados essencial para a análise sociológica perseguida nesta pesquisa. A forma como as disposições incorporadas pela professora Violeta foram surgindo nos conteúdos das

entrevistas foi fundamental para o desenvolvimento do estudo proposto aqui. Realizar as entrevistas foi o mais desgastante de toda a pesquisa, justamente pela dificuldade de realização de pesquisas nas escolas públicas. Entretanto a contribuição das entrevistas intensivas realizadas para este estudo foi crucial e ousa-se dizer até um diferencial para as análises aqui realizadas. Estudar a trama social da escola, desenvolver na pesquisa uma perspectiva relacional de estudo da escola, como se propôs este trabalho desde o início, jamais seria justo com o comportamento necessário ao pesquisador de perseguir a verdade, se as entrevistas intensivas não tivessem sido desenvolvidas com a professora Violeta. De que outra forma poder-se-ia ter acesso a essa trajetória de vida da professora senão por meio dos seus próprios relatos? Do mesmo modo como delinear a estrutura de incorporação dos *ethos* e outras disposições do *habitus* docentes sem ter acesso a essa trajetória de vida da professora? Pensa-se que de outro modo seria muito difícil chegar a esses dados. Sendo assim, fica registrada aqui a importância da persistência do pesquisador em ocupar um espaço nessa trama das relações sociais que se estabelecem dentro da escola. As dificuldades de conseguir desempenhar um papel pelo menos de “invasor de espaço” – como o termo foi utilizado nesta pesquisa – não podem suplantar a necessidade de estar presente nesse espaço da escola, da sala de aula.

Estudando o caso de Violeta foi possível identificar e analisar um aprendizado simbólico da docência, um aprendizado pela via corporal da função docente. Esse aprendizado foi elaborado durante todos os alunos vividos no interior da escola, tanto nos tempos de aluna quando nos tempos de docência. Esse aprendizado é externalizado por esquemas práticos de ação da professora realizados em sala de aula. Violeta repetiu, quase sempre de forma inconsciente (até porque o *habitus* é tão mais forte quanto menos se tem consciência dele) os gestos, as ações e práticas dos professores que teve: o uso da coerção do corpo, os olhares lançados aos alunos, as broncas por indisciplina, a cópia como fundamento da atividade em sala de aula, o desejo constante de conter o corpo do aluno.

Foi identificado ainda um elemento essencial para o estudo: a força da socialização primária. Os dados levaram a considerar a força do *ethos* – sistema de valores implícitos profundamente arraigados desde a socialização primária – no conjunto do *habitus* manifesto pela professora. Todas as disposições analisadas nesta pesquisa tiveram sua origem no aprendizado realizado ainda na infância no contexto familiar de Violeta. A figura da avó, que depois se perpetuou por meio da tia, pareceu ganhar corpo por meio da atuação de Violeta. Aquela avó repressora, coercitiva e

preconceituosa parecia sobreviver em Violeta. E tudo se processou de forma muito naturalizada e automatizada. Todas as regras aprendidas na infância ficaram legitimadas na ação da professora. O caráter arbitrário e a força do *habitus* mostraram-se em todas as questões analisadas no caso de Violeta. O corpo como depósito das regras e ensinamentos sociais preciosos foi identificado em Violeta.

Conforme foi apontado anteriormente, o caso estudado nesta pesquisa foi o de Violeta apenas, mesmo porque a profundidade das análises realizadas e dos dados coletados seria difícil de ser conseguida se houvesse um número extenso de professores sujeitos da pesquisa. Entretanto pelas análises realizadas foi possível detectar vários momentos nos quais as disposições apresentadas pela professora receberam reforço do contexto, seja no período escolar vivido como aluna por Violeta, seja no ingresso na carreira docente ou mesmo na forma como a professora possuía legitimidade entre seus pares. Isso leva a inferir que as disposições que compõem os *habitus*, seja pela *hexis*, seja pelo *ethos* estudados neste exemplo de Violeta, fazem parte de um conjunto que necessariamente compõe características de qualquer profissional docente. Logicamente, não se alimenta a hipótese de que sejam encontradas situações idênticas a da professora em questão, mas afirma-se sim que os dados levantados aqui neste artigo são representativos de uma grande parte da realidade educacional brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTHERAT, Thérèse. 21. ed. *O corpo tem suas razões: antiginástica e a consciência de si*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *O senso prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOMMER, Robert. *Espaço pessoal*. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.